

ABRINDO ESPAÇOS: INDISCIPLINA COMO PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

Beatriz Benvenuto¹
Virgínia Laís de Souza²

RESUMO | ABSTRACT

Este artigo aborda, a partir dos estudos da Técnica Klauss Vianna, o desencontro com as potências do corpo vivenciada pelo profissional da educação diante das mudanças e desafios ocasionados pela pandemia da COVID-19. Para tanto, apresenta uma proposta de revitalização, um reencontro com as potencialidades do educador enquanto possibilidade de ação individual e pedagógica. A proposta é trabalhada a partir do reconhecimento das dificuldades enfrentadas por esses corpos, propondo o autoconhecimento como recurso para a indisciplina. A fundamentação teórica para esta escrita se dá por autores como Klauss Vianna, Jussara Miller, Neide Neves, Helena Katz, Christine Greiner, David Lapoujade, entre outros.

Palavras-chave: Técnica Klauss Vianna, educador, corpo, pandemia, indisciplina.

This article addresses, based on the studies of the Klauss Vianna Technique, the experienced distancing of the body's powers felt by education professionals in the face of the changes and challenges caused by the COVID-19 pandemic. It presents a revitalization proposal, a re-encounter with the educator's potential as a possibility of individual and pedagogical action. The proposal is worked by recognizing the difficulties faced by these bodies, proposing self-knowledge as a resource for indiscipline. The theoretical foundation for this writing is given by authors such as Klauss Vianna, Jussara Miller, Neide Neves, Helena Katz, Christine Greiner, David Lapoujade, among others.

Keywords: Klauss Vianna Technique, educator, body, pandemic, indiscipline.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo do corpo de educador³ social sob o olhar da Técnica Klauss Vianna (TKV) no contexto da pandemia da COVID-19, e foi primeiramente construído como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da especialização em TKV, defendido em dezembro de 2021, na Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP. A escrita deste artigo (e do TCC) parte da

¹ Educadora formada em Artes Cênicas (Unicamp) e especialista em Técnica Klauss Vianna (PUC/SP).

² Professora convidada do curso de especialização na Técnica Klauss Vianna (PUC/SP). Formada em Comunicação das Artes do Corpo (PUC/SP) e em Pedagogia (USP). Mestre e doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP).

³ Foi escolhido para este trabalho o uso da linguagem não binária a fim de englobar toda a categoria referenciada, independente do gênero. O uso da linguagem binária é feito apenas ao referenciar pessoas que afirmaram se identificar com determinado gênero, incluindo a autora.

experiência da autora enquanto educadora social em uma Organização da Sociedade Civil (OSC), atuando no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) com crianças e adolescentes de 06 a 14 anos de idade.

A pandemia, que impulsionou muitas reflexões dessa pesquisa, teve início em março de 2020 e se estende até o momento desta escrita - com as devidas modificações em virtude do tempo decorrido e de diversos acontecimentos, como a vacinação de uma parcela significativa da população⁴.

O período em questão trouxe, desde o início, a necessidade de que o educador social, assim como outros educadores em diferentes contextos, tivesse que se adaptar às mudanças exigidas (como o isolamento social adotado como medida de segurança sanitária), fazendo com que fosse preciso se modificar e se adequar à, por exemplo, tecnologias diversas para manter o contato com os educandos.

As dificuldades encontradas durante esse período se intensificaram com um governo federal genocida⁵ que promoveu um descontrole do avanço da doença, assim como o compartilhamento de desinformação, agindo de forma totalmente contrária ao avanço da ciência. O crescente número de mortos também intensificou os sentimentos de luto, medo, tristeza, ansiedade e angústia.

Todos estes fatores causaram uma sensação de esmagamento do corpo, de rota sem saída para fuga, um distanciamento das potencialidades e possibilidades de ações pedagógicas pelos docentes devido às dificuldades enfrentadas no contexto em questão. A educação foi afetada, dentre outras causas, pela falta de aparelhos eletrônicos e acesso a um sinal de internet de qualidade para todos os estudantes, assim como se notou a sobrecarga dos educadores para suprir os vazios educacionais e tecnológicos.

Como uma possibilidade de revitalização do educador, é apresentada neste artigo a indisciplina como um recurso metodológico e epistemológico - a ser aprofundado ao longo do texto - além de também ser uma proposta de trabalho para profissionais da educação, a fim de auxiliar que cada educando encontre suas potências e tenha autonomia no próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem.

⁴ O percentual de pessoas totalmente imunizadas hoje, 03 de abril de 2022, no Brasil é de 75%, segundo o site Our World in Data. Disponível em: <https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=OWID_WRL> Acesso em: 03 de abril de 2022.

⁵ Sobre a informação inserida no texto, segue reportagem do jornal El País redigida por Eliane Brum e publicada em 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>> Acesso em: 03 de abril de 2022.

O CORPO DA EDUCADORA

Escrever sobre o corpo da educadora é hoje uma das tarefas mais difíceis. Este corpo, hoje vacinado, mas que passou todo o tempo exposto em meio à uma pandemia. Foi capitalizado, utilizado, sobrecarregado e esgotado pelo excesso de trabalho, na medida em que procurava ser útil, prático, buscando não ser substituível, ultrapassado ou fora de moda, assim como os produtos, ideias e tendências que passam e somem nos *feeds* das redes sociais.

O mundo, que há décadas se tornou digital, fazendo com que nascessem novas formas de trabalho, hoje cobra que as mais diversas atuações se adequem a esses dispositivos para que existam. A necessidade de adequação constante, a urgência pelo alimento, pela saúde e segurança chamam pela assistência do Estado, como sempre chamaram. Sensação de ferida aberta que corta do púbis ao topo do crânio. As mazelas, que sempre se apresentaram no nosso território, hoje se fazem de forma ainda mais escancarada.

As pessoas aparentam estar “anestesiadas” pela quantidade excessiva de informações vindas do ambiente, como se respondessem com apatia a elas. Essas informações são, muitas vezes, difíceis de serem mastigadas, então engolimos “a seco”, buscando esquecer que precisamos digeri-las. Uma forma de autoproteção para que o corpomente⁶ não pare, mesmo que seja uma forma indigesta.

Um corpo que segue em crise. O meu corpo que segue em crise, associado aos outros corpos de educadores com quem convivo, trabalho e crio. Eu, educadora. “Nos ocupamos de viver e sobreviver para que seja possível, novamente, educar. Educando, vivemos”, como traz um colega de trabalho que prefere não ter o nome identificado.

Este dizer me remete à seguinte frase de Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da autonomia*: “Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente” (FREIRE, 1974, p. 94). Pois ser educadora também está em identificar minha humanidade e de minhes educandes, compreender fragilidades e frestas abertas para novas possibilidades.

O corpo, colocado por Neide Neves (2003) como um *Sistema Aberto*⁷, se reorganiza a partir de novas informações vindas do ambiente interno ou externo. O Sistema está, hoje, constantemente em crise, e a troca de informações mescla esperança, afetos, medo, indignação e outros sentimentos e sensações.

⁶ Corpomente se refere ao entendimento que corpo e mente são indissociáveis, um processo único em constante transformação e troca com o ambiente, e não processos distintos ou complementares. Um dos autores que abordaram o conceito é Ken Dychtwald em seu livro *Corpomente* (1984).

⁷ O conceito de *Sistema Aberto* utilizado pela autora é compreendido a partir da *Teoria Geral dos Sistemas*, estudado pelo biólogo Ludwig von Bertalanffy a partir da década de 1950.

“Os períodos entre crises são de organização, aprofundamento e estabilização das novas informações” (NEVES, 2019, p. 6). Ainda não é possível trazer as novas reorganizações pós-crise, pois ela não “foi”, ela “é” e “está”, encontrando o desequilíbrio e conversando dinamicamente com a gravidade e com o contexto sociopolítico atual. O corpo segue em constante processo, organizando-se e reorganizando-se para permanecer em trabalho, pertencer ao meio que hoje segue em transformação e sobreviver às carências do Estado e ao vírus.

Uma sensação pessimista se acopla ao cotidiano, com poucos espaços para positividade. Nesse tempo, eu, educadora, sinto meu corpomente em estado flutuante, sem consciência da conexão - física e energética - com o chão, onde busco, através dos apoios, uma força oposta que mantenha o corpo em pé contra a força da gravidade. Passo, então, a procurar uma nova forma de sustentação e movimento.

Segue trecho de um protocolo⁸ autoral sobre o movimento contínuo e a conexão com o corpomente:

[...] me sinto segura com os meus pés, com os movimentos que surgem deles, segura em estar reconhecendo meu corpo como um todo e podendo criar novas possibilidades. Isto realmente me deixa bastante positiva. Poder perceber de forma real e palpável no meu dia a dia o que a Técnica me traz de, novamente, positivo, tem me ajudado a manter a cabeça no lugar. Nem tudo é utopia, nem tudo é onírico, é meu corpo aqui e agora⁹.

A falta de movimento, portanto, não me convém, apesar de ser uma resultante do processo de restrição de deslocamento necessária para o período. Resultante difícil de ser afirmada, mesmo que seja uma sensação coletiva e não particular. A falta de movimentação não está apenas na musculatura e articulações, mas nos sentimentos, nos pensamentos, nas sensações.

É preciso, então, encontrar uma movimentação que nutra, pois “só quando descubro a gravidade, o chão, abre-se espaço para que o movimento crie raízes, seja mais profundo, como uma planta que só cresce com o contato íntimo com o solo” (VIANNA, 2018, p. 93). Procurar fissuras na terra seca, caminhos para

⁸ O protocolo se refere a anotações em formato livre (textos e/ou imagens) que retratam as percepções do percurso realizado durante uma aula/encontro.

⁹ Trecho de um protocolo autoral escrito em 20 de agosto de 2020 referente à aula sobre o Primeiro Vetor na disciplina Processo de Vetores, componente da Especialização em Técnica Klauss Vianna. A disciplina é ministrada pela Prof^a Dr^a Jussara Miller e pela Prof^a Esp. Marinês Calori.

umidificá-la, adubá-la e torná-la fértil novamente.

A busca é por “um movimento no qual a quietude seja simultaneamente recusa, potencialidade e ação” (PELBART, 2020, p. 7). Recusa à uma política negacionista e disciplinadora; potencialidade de transformação e transmutação; ação para que seja um movimento constante e fluido. Movimento que gere movimento e, que eu, enquanto educadora, mobilize também a continuidade de movimento des educandes.

Apesar da necessidade des educadores e da educadora, em ser prontamente útil, em responder a todas as demandas coletivas e pessoais deste tempo, essa movimentação não visa um produto ou a produtividade de quem a conduz. Visa, talvez, encontrar a pausa, ou melhor, o movimento que acontece na pausa, buscando reconhecer as fragilidades, potencialidades e possíveis caminhos por meio destas.

PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO

A inquietude que ocasiona mal-estar constante traz uma corrente niilista de pensamentos e ações que podem ser nocivas ao corpo. Vivencio a falta de perspectiva positiva dentro das ações cotidianas e das ações pedagógicas enquanto artista-educadora. Sensação de experienciar uma narrativa em *looping*, por não conseguir vislumbrar a possibilidade de uma mudança concreta no futuro.

A sensação pessimista constante se estabelece como base, como se o chão não pudesse mais sustentar a movimentação. E falta energia de ação. “O corpo que não aguenta mais”, como David Lapoujade intitula um de seus artigos: “Tudo se passa como se ele não pudesse mais agir, não pudesse mais responder ao ato da forma, como se o agente não tivesse mais controle sobre ele” (LAPOUJADE, 2002, p. 82).

Lapoujade traz em sua obra pensamentos de Aristóteles, observando que o agente (que para o filósofo grego é aquele que pela sua potência de ação pode trazer a ação em si, o ato) já aparenta não ter o essencial para que o ato tome forma: a potência. Lapoujade observa o corpo que não aguenta mais a partir dessa visão de potência:

Não se pode falar aqui da potência do corpo justamente porque o corpo não aguenta mais. A menos que se trate de outra coisa: será preciso, talvez, aceder a outra definição da potência? Pois é evidente que todos estes corpos são dotados de uma estranha potência, mesmo no esmagamento, uma potência sem dúvida superior àquela da atividade do agente. Talvez, então, seja preciso conceber uma potência que não se define mais em função do ato final que a exprime, uma concepção não-aristotélica da potência. E isto significa encontrar uma potência

própria ao corpo, uma potência liberada do ato. (LAPOUJADE, 2002, p. 82).

O autor propõe, então, uma outra forma de pensar a potência, sendo esta não necessariamente ligada à ação em si, ao ato, mas à potência própria do corpo. Todo corpo é potente, e é a partir da valorização dessa potência - da possibilidade de se tornar algo - que surge a proposta de revitalização.

Mas se a própria sociedade e o Estado não buscam identificar e favorecer as potencialidades individuais, como cada sujeito fará isso? Qual é essa outra potência que Lapoujade sugere? Sua obra traz esses mesmos questionamentos, enquanto também identifica o que esse corpo não aguenta mais:

Mas antes de determinar essa nova potência, uma primeira questão se impõe: o que o corpo não aguenta mais (o que é que o corpo não aguenta mais)? Qual é essa impotência quase-imemorial que parece confundir-se com sua própria condição? A resposta é dupla. Primeiro, ele não aguenta mais aquilo a que o submetemos do exterior, formas que o agem do exterior. Essas formas são, evidentemente, as do adestramento e da disciplina (LAPOUJADE, 2002, p. 82).

O autor não propõe a resolução para o corpo “esmagado” e este trabalho também não pretende fazê-lo, visto que o contexto para analisá-lo é muito amplo e me detenho apenas ao corpo de educadore social em situação pandêmica pelo ponto de vista da Técnica Klauss Vianna. Lapoujade, contudo, evidencia de onde surge a sensação, a afirmação de não poder mais: adestramento e disciplina.

A proposta, então, é ir na direção oposta ao corpo disciplinado, enrijecido, padronizado, é buscar um corpo que responde às suas necessidades, desvencilhando-se gradativamente das regras que o machucam e o violam. É sobre *A escuta do corpo*, como Jussara Miller (2016) traz como título de uma de suas obras.

A movimentação de transformação também é uma movimentação interna, de autocuidado, autoconhecimento e intuição. Não é uma proposta de fugir das telas ou dos desafios da tecnologia, das reuniões virtuais e presenciais com es educandes, mas propor uma forma que, talvez, trabalhe o esgotamento e auxilie e educadore no desenvolvimento de suas ações pedagógicas.

A partir dessa escuta e do respeito à própria singularidade e às dos demais indivíduos, talvez seja possível começar a identificar o adestramento citado por Lapoujade e uma possibilidade para compreender e exercitar o que seria essa potência de cada corpo.

Se o que traz esgotamento ao corpo é disciplina e adestramento, partimos

daqui para a proposta da indisciplina (GREINER, 2005; SODRÉ, 2002): um afastamento dos padrões de movimentação, a fim de encontrar possibilidades próprias e singulares por meio do reconhecimento do corpomente.

Para estes autores, que discutem a partir da perspectiva da indisciplina, há a proposta de trabalhar com áreas de conhecimento de maneira menos ordenada, distanciada do que usualmente fazemos. Não se trata de falarmos em interdisciplinaridade, que propõe aproximações e cruzamentos de áreas distintas ainda mantendo cada uma dentro de suas delimitações; na indisciplina as barreiras são borradas e os saberes passam a ser estudados de maneira mais complexa, assumindo contaminações entre eles.

A indisciplina não se trata, portanto, de ir contra as regras previamente estabelecidas, mas buscar meios singulares de movimentação do corpomente, que proporcionem um equilíbrio sustentável do cotidiano e que possam ser um caminho para que cada pessoa afirme seus posicionamentos individuais.

O meio principal para a realização dessa proposta de revitalização é o autoconhecimento a partir da Técnica Klauss Vianna, utilizando o Processo Lúdico, de Vetores, Criativo e Didático¹⁰, trazendo suas práticas para o dia a dia de educadore social, assim como sua metodologia para o ensino das artes na educação não formal.

“A arte não é gratuita: se não aprendo com ela, se não cresço com ela, é o mesmo que não fazer nada” (VIANNA, 2018, p. 76). Há na prática das artes um meio para a indisciplina a partir da possibilidade de encontrar a própria expressão e identidade pelo fazer artístico, que é íntimo, próprio, que aponta nossas fragilidades, mas também nossas potências enquanto criadores de realidades. Não se trata, contudo, de uma construção egocêntrica de indisciplina, mas uma proposta de construção da coletividade a partir de indivíduos ativos e conscientes de si mesmas.

Enquanto educadora, é um desafio trazer propostas que se encaixem nos desejos dos educandos e que os impulsionem a olhar para si mesmas de maneira mais reflexiva e gentil. Se faz necessário que o educadore compreenda e observe o contexto de cada criança e adolescente, a fim de propor atividades que não os afaste por vergonha ou receio, mas que dentro do que já fazem no seu dia a dia, descubram novas maneiras de agir, de se olhar, de aprender.

“Conhece-te a ti mesmo e conhecerá o universo e os deuses”¹¹, frase do Templo de Delfos, atribuída ao filósofo Sócrates. Delfos, cidade onde se

¹⁰ Na obra *A Escuta do Corpo* (2016), de Jussara Miller, a autora apresenta de forma descritiva a sistematização da Técnica Klauss Vianna.

¹¹ Embora a frase não corresponda a uma bibliografia específica do autor, segue artigo de Luiza Goulart (2017) sobre o tema. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/LUIZA-GOULART-RODRIGUES.pdf>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

encontrava o Templo em homenagem ao Deus Apolo, que na mitologia grega é o deus da luz, do sol, da verdade e da profecia. O conceito de autoconhecimento sugere a ideia de reconhecer e saber a verdade sobre si, suas necessidades, possibilidades e contexto.

Não se trata aqui de qualquer manifestação religiosa (talvez espiritualista), visto que as formas de autoconhecimento são múltiplas e individuais, trabalhadas em conjunto, ou não. Trata-se de conhecer o próprio corpomente, compreender e escutar atentamente suas vontades e necessidades e segui-las, ou não.

O autoconhecimento acontece a partir da escuta ativa do corpomente, a fim de identificar novas possibilidades de ação no cotidiano para o bem-estar individual e coletivo, através da reorganização e de um novo olhar sobre os corpos, compreendidos aqui como sistemas abertos (NEVES, 2003), em constante troca com o ambiente.

Conhecer o próprio corpo é reconhecer e permitir o fluxo de emoções e sensações, a respiração livre, a abertura de espaços e o reconhecimento dos corpos físicos e energéticos que nos compõem. Na Técnica Klauss Vianna, esse conhecimento se dá na observação diária, de si e do mundo, nas práticas propostas e nas atividades cotidianas e extra cotidianas, compreendendo quais são os nossos padrões de movimentação e investigando a possibilidade de modificá-los quando necessário.

Autoconhecimento pode ser visto como revolucionário, pois revolução é renovação de hábitos, inovação, reconhecer, rever e renovar os padrões de comportamento, compreendendo as próprias singularidades, o que vai contra a atual estruturação de corpos, movimentos e ações.

Procurar as respostas do/no nosso próprio corpomente, conhecendo o mesmo de forma integral e honesta, possibilita-nos pensar, projetar, viabilizar e agir em novos caminhos. Como propõe Klauss Vianna: “Todas as ansiedades, questionamentos e dúvidas têm origem e resposta em mim e isso determina minha postura diante do mundo exterior” (VIANNA, 2018, p. 75).

As respostas estão no corpo e são o corpo, pois “a vida é a síntese do corpo e o corpo é a síntese da vida” (VIANNA, 2018, p. 103). Observar com nitidez a nossa existência nos permite abrir espaço para novas possibilidades e visões de mundo. O autoconhecimento é sensível, mas também físico, palpável. É pesquisar o corpo e suas potencialidades físicas, psíquicas, energéticas, conquistando e construindo autonomia de ação e pensamento diante do mundo.

Para entender de que maneiras essas (novas/outras) possibilidades são construídas, é essencial apresentar a sistematização da Técnica Klauss Vianna, que surge para organizar os conhecimentos produzidos a partir da pesquisa

da família Vianna, assim como suas reverberações nos pesquisadores que a usaram em seus trabalhos. A prática proporciona o reconhecimento do corpo como base para o entendimento da movimentação:

A Técnica Klauss Vianna pressupõe que, antes de aprender a dançar é necessário que se tenha a consciência do corpo, de como ele é, como funciona, quais suas limitações e possibilidades, para, com base nessa consciência, a dança acontecer. E quando a dança acontece? Quando o corpo está disponível ao movimento para realizar uma comunicação por meio da expressão corporal, com a manifestação da dança de cada um (MILLER, 2016, p. 51).

As práticas propostas em cada processo auxiliam no autoconhecimento do corpomente, a partir desse reconhecimento nada óbvio de que somos um corpo e por meio das movimentações estudadas - movimentos dos quadris, caixa torácica, membros, cabeça, extremidades -, começamos a compreender nossas possibilidades de movimento. É a partir dessa escuta ativa do corpo que pesquisamos nossas expressões individuais.

Os processos que compõem a Técnica Klauss Vianna - Processo Lúdico e Processo de Vetores, junto aos Processos Didático e Criativo - nos auxiliam a encontrar outras formas de movimentação a partir da identificação das potencialidades do corpo. É na observação de si que o trabalho acontece: “Aprender a questionar objetivamente e a observar a si mesmo são as melhores formas de aprendizado” (VIANNA, 2018, p. 97).

O Processo Lúdico é o “acordar” do corpo, a investigação de suas possibilidades e o reconhecimento das suas características, trazendo à consciência nossa existência no mundo. É evidente que o corpo não deixa de existir em momento algum do nosso dia a dia, mas comumente nos “esquecemos” que a matéria está ali, sustentando nosso peso, articulando para que a movimentação possa existir nas ações cotidianas e extra cotidianas, resistindo à gravidade a partir de um contato direto com o chão para nos manter eretos, entre outras movimentações corriqueiras que passam despercebidas.

Este momento da vivência na Técnica nos recorda e nos conscientiza do corpo em si, da sua existência e do funcionamento de sua movimentação. É um momento base - mas não simples - de entendimento, em que não há uma meta fixa, mas se permite o estudo a partir da experiência e autopercepção.

Neste processo, são abordados os tópicos *presença, articulações, peso, apoios, resistência, oposições e eixo global*. A partir desses elementos, passamos a ter uma visão mais nítida das possibilidades de movimentação, assim como diferentes formas, intensidades e caminhos para realizá-la.

Além do Processo Lúdico, também podemos vivenciar o Processo

dos Vetores, e este último se refere ao estudo de direções ósseas a partir do mapeamento de oito vetores presentes no corpo: “Os vetores de força têm suas respectivas funções, ou seja, cada direção óssea aciona musculaturas específicas, funcionando como alavancas ósseas numa ação organizada que dirige e determina o movimento” (MILLER, 2016, p. 75).

Os vetores, como citado acima, organizam o movimento a partir de direcionamentos ósseos, proporcionando movimentações específicas do corpo. A identificação desses vetores nos permite acioná-los de forma consciente, medindo com mais precisão a magnitude da força utilizada em cada ação.

Tomar consciência da força necessária para o movimento nos possibilita realizá-lo sem excesso de gasto de energia. Os vetores oferecem um uso mais adequado da musculatura, não sobrecarregando nenhuma área do corpo, mas trabalhando para que a divisão de peso aconteça de forma equilibrada.

A vetorização parte de direcionamentos ósseos, sendo os principais vetores localizados nos metatarsos, calcâneo, púbis, sacro, escápulas, sétima vértebra cervical, observando que cada um possui orientação de sentido e direção específicos que irão proporcionar a utilização das musculaturas correspondentes com reverberação em todo o corpo.

O trabalho expressivo tendo como base os processos citados acima, junto ao Processo Didático e ao Processo Criativo, traz uma nova forma de olhar o corpo e o mundo ao redor. Estes processos tratam, respectivamente, do olhar pedagógico acerca da metodologia abordada para estudo da Técnica Klauss Vianna e do processo de criação em Artes da Cena a partir da mesma. Este olhar amplificado nos possibilita uma escuta presente e ativa, sendo um possível meio para encontrar uma manifestação singular do corpomente na dança, na voz, na aula, na vida.

Como profissional, foi necessário que eu me entregasse às minhas dúvidas e ouvisse minhas necessidades. Observei meu corpo e passei a tornar diários pequenos momentos em que me concentrava na minha respiração e permitia que meu corpo fluísse a partir dos aprendizados em cada processo estudado. A cada dia surgiam novas movimentações e mais questionamentos, e eu passei a buscar as respostas no meu corpo, na minha voz, me permitindo descobrir novos caminhos, assim como novas perguntas.

No trabalho na OSC, com crianças e adolescentes, me deparei com esse grande desafio: como trazer, em ação pedagógica, essa reflexão para as oficinas e para o dia a dia como um todo? De forma sutil, começamos conversando para que eu pudesse ouvir como estavam se sentindo, afinal, não havia como trazer uma proposta sem compreender como se sentiam e o que desejavam.

É importante que o educador social seja bastante sensível no momento do acolhimento, pois ignorar o que trazem os educandos e partir para uma proposta fixa pode não nos auxiliar em um percurso que busca a valorização das singularidades. Dentre as muitas propostas experimentadas estavam rodas de conversa, jogos recreativos em grupo, prática de esportes e outras atividades diferenciadas das que habitualmente faziam. Principalmente, escutar o que tinham a dizer: o que desejavam, o que haviam vivido, ouvido e questionado, para que pudéssemos procurar juntas pelas respostas e trocar experiências e pensamentos.

Não há uma única forma de fazer ou uma mais correta visto que os grupos são formados por pessoas e momentos específicos. A estratégia trabalhada em um local talvez não se repita em nenhum outro, o que faz com que seja uma ação delicada, de atenção e de reflexão, investigando a maneira de aproximar os participantes do grupo, de educador e de si mesmo.

INDISCIPLINA NO DIA A DIA

Eu não conseguia sentir, pensar ou escrever. O ar, nesse ambiente seguro, não corria pelo meu corpo, que estava estático na posição sentada em frente à tela do computador há muito tempo. A dor da posição e a angústia de precisar fazer algo e não conseguir. Pensei: "esse é o corpo que não aguenta mais". Logo em seguida me dei conta da disciplina e do adestramento estruturados em mim e das ferramentas que eu tinha à minha disposição. Fazia muito tempo que eu não deitava por conta própria. Estiquei um tapete e deitei as costas no chão frio - precisava ser rápido para que eu não desistisse novamente. Por algum motivo não era leve esticar as pernas e os braços. Fiquei algum tempo apenas com as costas carimbadas, até que eu percebi algo...meus braços estavam dobrados, com os pulsos apoiados no esterno, minhas pernas estavam dobradas e apoiadas no abdômen...tirando os novos apoios que surgiram quando soltei meus membros os permitindo à força da gravidade, eu estava na exata posição de minutos atrás, a do computador. Olhei para o teto, senti meu corpo que não queria abrir, e chorei. Chorei para aliviar, chorei de raiva, chorei de tristeza, chorei até parar de chorar. Não chorei por não estar conseguindo algo, eu não sabia exatamente porque estava sentindo aquilo, mas estava, e meu corpo chorou. Me derreti na água salgada, respirei fundo algumas vezes e fui, aos poucos, colocando os pés e braços no chão, até começar a me espreguiçar e me sentir novamente. Eu senti, soltei, respirei,

espreguicei e recomecei¹².

A disciplina e o adestramento fazem parte da nossa rotina. São as horas de trabalho, o valor dos alimentos, o custo do lazer, a posição em frente ao computador, o tanto de luz do sol e área verde que temos a possibilidade de ver durante o dia. A rigidez com a qual vemos nossa imagem, por exemplo, também faz parte desse adestramento: a última moda, o padrão de beleza. As regras impostas passam por diversos aspectos sociais, culturais, éticos e morais construídos ao longo de séculos.

A proposta de revitalização não é apenas sobre nos desvencilharmos desses pensamentos e atitudes - pois essa ação pode ser uma consequência a partir do interesse de cada pessoa - mas em observarmos nossos hábitos, reconhecendo o que nos influencia e de que forma. A partir dessa observação, é possível começar a pensar e trazer outra possibilidade de ação diante de cada situação.

Olhar para si e para o seu contexto como um todo, reconhecendo seus deveres e direitos em sociedade, considerando também seus compromissos com a mesma de acordo com as suas condições, sua profissão, seus privilégios ou a falta deles. Este olhar também é para si em sua completude enquanto indivíduo, seu bem-estar, sua saúde, seu estudo, autoconhecimento do corpo e reconhecimento dos pensamentos, competências e potencialidades.

Movimentar-se em diferentes padrões, tempos e magnitudes de força, identificando e valorizando o que mais se adequa ao seu corpomente, o que modifica suas ações pedagógicas em sala, mas também em outras relações e relacionamentos, possibilitando a criação de novas visões de mundo, desejos, planejamentos e realidades.

E tornar algo rotineiro. Rotineiro, mas não um hábito, visto que hábito está ligado a atos repetitivos que fazemos todos, ou quase todos os dias, mas que passam a ser realizados de maneira não consciente. A busca é pela movimentação consciente, pela ação consciente, a fim de não recriar novos meios disciplinadores que aparentam indisciplina.

As mestras¹³ da especialização na Técnica Klauss Vianna, que conviveram com Klauss Vianna, diziam que sempre lhes era aconselhado fazer algo diferente do que estavam acostumadas: fazer outro caminho para a escola ou para o trabalho, dormir do outro lado do corpo ou da cama, escovar os dentes com a outra mão, entre outras coisas. Isto para que o corpo sempre busque

¹² Texto autoral escrito em julho de 2021.

¹³ As mestras em questão são Neide Neves, Jussara Miller, Marinês Calori e Luzia Carion, docentes do curso de Especialização em Técnica Klauss Vianna na PUC/SP.

novas respostas e não se solidifique em manifestações “prontas” que fechem os espaços corporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: INDISCIPLINA COMO BASE CURRICULAR

Quanto tempo é preciso para criar um hábito? E para se livrar de um? Ao corpo, não é possível pular etapas do processo. Ao educadore, não é possível controlar o processo de cada participante de sua aula. Se construímos hábitos a partir de necessidades, porque não trazermos para o dia a dia a necessidade da indisciplina?

E educadore é, antes de tudo, um indivíduo que vive em sociedade, comunidade, em coletivo. Esse indivíduo também é parte de um sistema que determina o que é certo ou errado, o que se deve ou não se deve fazer, qual o caminho da vitória e do fracasso.

E educande é, de forma não diferente, um indivíduo que sofre das mesmas ações que o educadore, em maior ou menor grau a depender de diversos fatores sociais determinantes de privilégios. Contudo, o profissional tem como uma de suas funções auxiliar seus alunos a compreender os desafios que lhes são apresentados.

Há uma oportunidade, portanto, passível de ser utilizada como base da sua atividade pedagógica: a indisciplina. Como dito anteriormente, a indisciplina aqui proposta está em construir em processo coletivo novas formas de ação e movimentação. Se o autoconhecimento é uma prática revolucionária por ser algo oposto ao que se estabelece nos parâmetros sociais de educação e trabalho, abrir espaço para a conscientização do corpo, assim como para todas as emoções e sensações que o constitui, compõe esse ato de revolução.

Conhecer a si também engloba conhecer seu território, sua comunidade, sua ancestralidade, reconhecer sua história, seus privilégios ou a falta deles, e todos esses fatores também fazem parte do autoconhecimento. O dentro e o fora, a constituição do indivíduo pelo ambiente e a constituição do ambiente pelo indivíduo, em trocas e transformações constantes.

A indisciplina como base curricular é o trabalho realizado entre educadore e educande nas oficinas, aulas e cursos oferecidos, nos quais se buscam práticas de autoconhecimento como parte das atividades. Procura-se, com isso, abrir espaço para que as singularidades e suas potências tenham relevância e sejam valorizadas, contribuindo para uma educação transformadora de (micro) realidades.

REFERÊNCIAS

DYCHTOWALD, Ken. **Corpomente**: uma síntese dos caminhos do oriente e do ocidente para a autoconsciência, saúde e crescimento pessoal. 5. ed. São Paulo: Summus, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

LAPOUJADE, David. **O corpo que não aguenta mais**, in D. Lins (org.), Nietzsche e Deleuze - Que pode o corpo, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2002.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo**: sistematização da Técnica Klauss Vianna. 3a. Ed. São Paulo: Summus, 2016.

NEVES, Neide. **Técnica Klauss Vianna - processos evolutivos**. PUC, São Paulo, Departamento de Linguagens do Corpo, 2019.

_____. **A Técnica Klauss Vianna vista como sistema**, in Dança e Educação em Movimento, coordenação de Julieta Calazans, Jacyan Castilho e Simone Gomes, São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PELBART, Peter Pál. **Espectros da catástrofe**, in Pandemia Crítica. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em <<https://www.n-1edicoes.org/textos/129>>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 8. ed. São Paulo: Summus, 2018.